

Thiago Moraes

# **ASCENSÃO DO FALSO**

## AI Slop: pra onde foi a autenticidade?

Houve um tempo em que navegar pelas redes sociais era como passear por um museu coletivo da criatividade humana: um reflexo caótico, mas autêntico, das nossas vidas, gostos e curiosidades. Mas, ultimamente, algo parece estranho. As imagens estão perfeitas demais, as receitas genéricas demais, as frases curiosamente sem alma. No lugar da expressão humana, encontramos cada vez mais o que se vem chamando como *AI slop*,<sup>1</sup> uma enxurrada de conteúdo automatizado e de baixa qualidade que inunda nossos feeds, blogs e plataformas.

### O que é “AI Slop”?

*AI slop* refere-se ao enorme e crescente volume de material gerado por máquinas que agora satura a internet. Ele surge de um ciclo de retroalimentação: modelos generativos treinados com dados da web produzem conteúdo sintético, que é então publicado online, indexado e usado para treinar novos modelos, amplificando distorções e padrões sem sentido a cada iteração. Com o tempo, esse ciclo ameaça transformar a web no que pesquisadores chamam de um conjunto de dados de segunda geração, em que sistemas de IA passam a aprender cada vez mais com suas próprias alucinações, e não com expressões humanas genuínas.<sup>2</sup>

O *AI slop* é muitas vezes acidental, criado para aumentar o engajamento com “conteúdo criativo” sem exigir muito esforço do criador. O resultado é uma série de blogs automáticos, avaliações falsas de produtos, receitas genéricas, roteiros de viagem inventados por IA e “obras de arte” assustadoramente perfeitas. O perigo vai além da intenção de enganar, mas na sua capacidade de diluição: ele sufoca vozes autênticas, corrói a diversidade criativa e embaralha a frágil fronteira entre o que é feito por humanos e o que apenas parece ser.

Embora *AI slop* e *deep fakes* sejam fenômenos distintos, eles compartilham o mesmo DNA tecnológico, e, cada vez mais, se sobrepõem. *Deep fakes*

---

<sup>1</sup> “Slop” pode ser traduzido como poça ou lavagem, conforme o Dicionário Michaelis online. Link: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-ingles/busca/ingles-portugues-moderno/slop/>

<sup>2</sup> Adam Nemeroff, “What Is AI Slop? A Technologist Explains This New and Largely Unwelcome Form of Online Content,” *The Conversation* (2025). Disponível em: <https://theconversation.com/what-is-ai-slop-a-technologist-explains-this-new-and-largely-unwelcome-form-of-online-content-256554>.

tradicionalmente manipulam o real: trocam rostos, imitam vozes ou fabricam eventos com a intenção de enganar ou entreter. Já o *AI slop* substitui o real por completo, inundando as plataformas com simulacros vazios. E agora, uma nova geração de *deep fakes* “*sloppizados*” está emergindo: vídeos e imagens sintéticos gerados de forma tão casual e prolífica que já nem tentam mais convencer, apenas sobrecarregar.<sup>3</sup>

Nos parágrafos seguintes, apresento alguns casos que ilustram como o *AI slop* tem se tornado um fenômeno assustadoramente comum.

### **Caso 1: Os pastores alemães falsos (e outros animais)**

O primeiro caso destacado vem do Facebook. No fim de 2023, um escultor britânico que criava figuras de animais em madeira com uma motosserra viu seu trabalho ser sequestrado por falsificações geradas por IA.<sup>4</sup> Tudo começou quando uma imagem peculiar, uma escultura de pastor alemão em madeira hiper-realista, viralizou. A imagem mostrava um cão esculpido com tantos detalhes que parecia impossível. Milhões compartilharam, elogiando o suposto “artista”. O problema? A escultura não existia. Era uma imagem gerada por IA, criada por um modelo de texto para imagem e compartilhada fora de contexto. Pouco depois, o Facebook foi inundado por imitações, algumas até atribuídas ao verdadeiro escultor, que dedicou anos ao seu ofício.

---

<sup>3</sup> Anna Broinowski, “Deepfakes and AI Slop Are Now Part of the News Cycle: South Park v Trump,” *The Guardian* (2025) Link: <https://www.theguardian.com/technology/2025/sep/26/deepfakes-ai-slop-now-part-of-news-cycle-south-park-v-trump>

<sup>4</sup> Pesala Bandara, “This Same Bizarre AI Image Keeps Getting Shared on Facebook,” *PetaPixel* (2023). Link: <https://petapixel.com/2023/12/21/this-same-bizarre-ai-image-keep-getting-shared-on-facebook/>



Figura 1: Falsa escultura de pastor alemão – post no Twitter (Fonte: PetaPixel, 2023).<sup>5</sup>

Não demorou para que as esculturas falsas virassem tendência. Em poucas horas, centenas de imagens semelhantes começaram a circular, não apenas de cães, mas também de animais ainda mais complexos, como tartarugas, corujas e elefantes.

<sup>5</sup> Ibid.



Figura 2: Animais “esculpidos” em madeira inspirados no caso do pastor alemão (Fonte: YouTube, 2024).<sup>6</sup>

Esse episódio demonstra a cruel ironia do *AI slop*: ele imita a maestria humana, mas esvazia seu significado. Para o observador eventual, uma escultura gerada por IA é indistinguível de uma real. Mas, para o artista de verdade, isso é devastador: seu tempo, esforço e habilidade são reduzidos a um simples comando de texto. A economia da atenção recompensa o falso porque ele é mais rápido, mais clicável e infinitamente reproduzível.

## Caso 2: Pinterest - Quando a inspiração vira imitação

A rede social Pinterest, que já foi conhecida como um “mecanismo de busca da criatividade”, recentemente se viu tomada por conteúdos de Inteligência Artificial Generativa (IAG). A plataforma que ajudava usuários a planejar casamentos, decorar casas e descobrir projetos “faça você mesmo” agora está repleta de imagens que são boas demais para ser verdade. Usuários relatam *feeds* inundados por cenas hiper-realistas, porém falsas: cabanas impossivelmente aconchegantes, estúdios de arte de sonho, destinos de férias surreais que simplesmente não existem.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Clint Rose Carving, “The Rise of Fake Wood Sculptures”, *Youtube* (2024). Link: <https://www.youtube.com/watch?v=RZBFIYtAKOA>

<sup>7</sup> Matene Toure, “AI Is Ruining Pinterest — Here’s Why It’s Such a Big Problem,” *ZDNet* (2024). Link: <https://www.zdnet.com/article/ai-is-ruining-pinterest-heres-why-its-such-a-big-problem/>

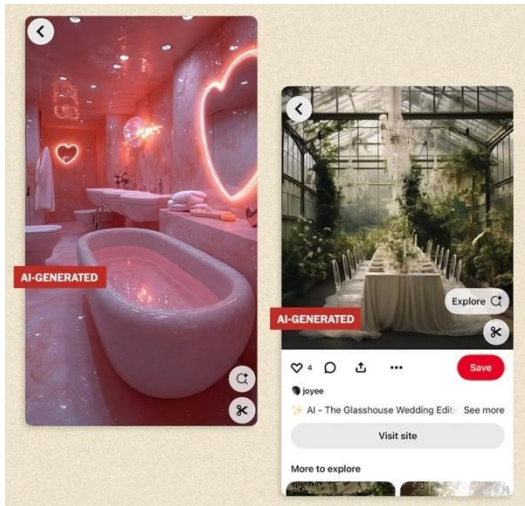


Figura 3: Cenários falsos publicados no Pinterest (Fonte: ZDNet, 2024)<sup>8</sup>

Para enfrentar o problema, a plataforma passou a marcar conteúdos com a etiqueta “gerado por IA” e permitir que os usuários os filtrem das buscas.<sup>9</sup> Mas essa medida apenas endereça o problema de forma parcial: o ecossistema criativo do Pinterest está sendo reconfigurado pela automação e não há nada que marcas d’águas possam fazer a respeito.

### **Caso 3: Sora, da OpenAI, e a nova Internet “só de IA”**

O lançamento do Sora, da OpenAI, uma plataforma social dedicada exclusivamente a vídeos gerados por IA, eleva o problema a um novo patamar. Anunciado no fim de 2025, o Sora 2 (a primeira versão, lançada em 2024, teve pouca repercussão) permite que usuários criem e compartilhem vídeos curtos gerados por IA, funcionando essencialmente como uma versão “nativa de IA” do TikTok (e igualmente viciante).<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> Ibid.

<sup>9</sup> Jess Weatherbed, “Pinterest is finally doing something about its AI infestation” *The Verge* (2024). Link: <https://www.theverge.com/news/659485/pinterest-ai-image-label-filter-features>

<sup>10</sup> Katie Notopoulos, “I’m addicted to Sora 2! I can’t stop making AI slop videos.” *Business Insider* (2025) Link: <https://www.businessinsider.com/sora-ai-video-social-media-openai-2025-10>



Here I am, winning the Nobel Peace Prize for blogging and being a Dunkin' brand spokesperson (all fake, made by Sora 2). Sora 2

Figura 4: Jornalista da Business Insider relatando sua experiência com a natureza viciante do Sora 2 (Fonte: Business Insider, 2025)<sup>11</sup>

A OpenAI apresenta o recurso de marca d'água do Sora como uma medida de transparência, para distinguir o conteúdo sintético do autêntico. No entanto, rotular não basta para evitar o mau uso. *Deepfakes* politizados, como vídeos falsos de “manifestantes de IA” protestando contra as forças do ICE de Trump, já viralizaram em várias plataformas, mostrando como a mídia sintética pode ser rapidamente instrumentalizada. Muitos usuários não conseguem identificar que o conteúdo é falso, mesmo com a marca d'água visível.<sup>12</sup>

O Sora já se tornou um vitrine do próprio tipo de *AI slop* e dissonância cultural que arrisca ampliar: em menos de 24 horas após seu lançamento, a plataforma foi inundada por vídeos surreais apresentando um Sam Altman, CEO da OpenAI, hiper-

<sup>11</sup> Ibid.

<sup>12</sup> Matt Novak, “Fake Protest Videos Are the Latest AI Slop to Go Viral in MAGA World,” *Gizmodo* (2025) Link: <https://gizmodo.com/fake-protest-videos-are-the-latest-ai-slop-to-go-viral-in-maga-world-2000669656>.

realista, em situações absurdas: servindo bebidas ao Pikachu e ao Eric Cartman no Starbucks, roubando GPUs da Nvidia em uma loja da Target ou discursando para um exército de porcos hipnotizados por telas de celular, perguntando: “Meus porquinhos estão gostando da lavagem?”.<sup>13</sup> Usuários parecem se divertir com a ironia desses *deepfakes*, zombando das controversas políticas de direitos autorais da empresa e dos padrões viciantes dessa nova mídia social alimentada por IA.

### **Ainda queremos o real? O custo cultural do *AI Slop***

Como discutido, um grande risco do rápido avanço dos conteúdos falsos gerados por IA é a expansão da **hiper-realidade**, conceito cunhado pelo filósofo Jean Baudrillard para descrever uma condição em que a fronteira entre o real e sua simulação se dissolve, e a imitação se torna mais “real” do que a própria realidade.<sup>14</sup> À medida que os usuários se acostumam a ficções perfeitamente renderizadas, sua tolerância para a imperfeição (o genuíno e falho, mas humano) começa a desaparecer.<sup>15</sup> Nesse novo paradigma, a internet humana corre o risco de se tornar a exceção, não a regra.

Os exemplos trazidos demonstram que o que está em jogo não é apenas a autenticidade, mas o próprio processo de criação. A criatividade humana sempre esteve ligada ao empenho, ao erro, à repetição e à descoberta. Quando a IA oferece resultados sem esforço, ela também apaga a luta que dá valor à arte, à escrita e ao design. O sociólogo Richard Sennett descreveu o artesanato como a busca pela qualidade, um ato tanto moral quanto técnico. Na era do *AI slop*, essa busca se torna obsoleta.<sup>16</sup>

Os lares dos sonhos falsos do Pinterest e as esculturas fantasmas do Facebook revelam uma ansiedade mais profunda: o medo de que o trabalho criativo

---

<sup>13</sup> Amanda Silberling, “OpenAI’s New Social App Is Filled With Terrifying Sam Altman Deepfakes,” *TechCrunch* (2025) Link: <https://techcrunch.com/2025/10/01/openais-new-social-app-is-filled-with-terrifying-sam-altman-deepfakes/>

<sup>14</sup> Serena Gill, “Introducing Jean Baudrillard’s concept of hyperreality” *Medium* (2020) Link: <https://medium.com/desertofthereal/introducing-jean-baudrillards-concept-of-hyperreality-3ec73df477eb>

<sup>15</sup> Bryan Walsh, “OpenAI’s Sora 2 is an unholy abomination” *Vox* (2025). Link: <https://www.vox.com/future-perfect/463596/openai-sora2-reels-videos-tiktok-chatgpt-deepfakes>

<sup>16</sup> Nathan Brixius, “Book Review: The Craftsman by Richard Sennett” *Wordpress* (2024) Link: <https://nathanbrixius.wordpress.com/2024/07/07/book-review-the-craftsman-by-richard-sennett/>

humano não tenha mais importância. Por que passar semanas esculpindo um cachorro em madeira se um algoritmo pode gerar milhares de versões em segundos, e alcançar mais pessoas? Antes, a resposta era simples: porque aquilo que era feito por mãos humanas tinha significado. Agora, o próprio significado está sendo automatizado.

À medida que o conteúdo gerado por IA se torna onipresente, o futuro da autenticidade digital depende de mais do que simples marcas d'água. Exige reafirmar a presença humana em um mundo mediado por algoritmos. Isso significa desenhar novas normas, promover a alfabetização midiática digital, e, talvez ainda mais importante, revalorizar a imperfeição como marca da humanidade.

O desafio mais profundo é cultural, não técnico: como promover uma alfabetização digital que valorize *conhecer a fonte*, e não apenas *ver a imagem*. A próxima geração de cidadãos digitais precisará aprender não apenas a usar IA de forma responsável, mas também quando desligá-la, para abrir espaço para o mundo real, com todas as suas imperfeições, esforços e significados. Porque, se perdermos isso, não será apenas a Internet que se tornará falsa. Seremos nós.